

SIQUEIRA, Maity. Semântica Cognitiva: uma entrevista com Maity Siqueira. *ReVEL*, v. 20, n. 38, 2022. [www.revel.inf.br].

SEMÂNTICA COGNITIVA: UMA ENTREVISTA COM MAITY SIQUEIRA

Maity Siqueira¹

REVEL – Quais foram alguns dos estudos pioneiros em semântica cognitiva? Quais foram as principais motivações que levaram ao desenvolvimento da semântica cognitiva?

MAITY – A Linguística Cognitiva não tem um fundador principal ou uma teoria principal geral, da qual outras evoluem. O que existe é um grupo de estudiosos e teorias que aderem a compromissos comuns. Por isso falamos da empreitada da Linguística Cognitiva (*Cognitive Linguistics enterprise*), que engloba diversas teorias, todas elas regidas por dois princípios gerais: o princípio/compromisso cognitivo e o princípio/compromisso da generalização. Conforme o compromisso cognitivo, os princípios da estrutura linguística devem refletir os achados de outras disciplinas afins (como psicologia, neurociências, filosofia, e inteligência artificial). Além disso, postula-se que a linguagem e a organização linguística devem refletir princípios cognitivos gerais - e não princípios que são específicos da linguagem. Ou seja, há um compromisso com a interdisciplinaridade. O compromisso da generalização está relacionado à ideia de que existem princípios comuns – como efeitos de categorização, por exemplo - que estruturam os diferentes aspectos/níveis de análise da linguagem (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática). Assim, essa é uma perspectiva não modular do estudo da linguagem.

Diversos estudos foram publicados na década de 80 por pesquisadores que hoje são considerados fundadores da Linguística Cognitiva (LC). Dentre eles, destacam-se o

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

trabalho dos norte-americanos: Charles Fillmore, sobre semântica de frames (1982); George Lakoff, sobre metáfora (com Mark Johnson, em 1980) e categorização (1987); Ronald Langacker, sobre gramática cognitiva (1987) e Leonard Talmy, sobre a relação entre gramática e cognição (1988).

Esses pesquisadores eram linguistas que, pesquisando aspectos semânticos ou gramaticais, estavam interessados no significado e em um modelo de estudo da linguagem que considerasse o uso da língua. Havia uma motivação interna à disciplina que era sair de um modelo gerativista sintatocentrista, formalista, no que diz respeito ao estudo da significação. E havia uma motivação externa à disciplina, vinda do desenvolvimento de novos paradigmas em outras áreas, particularmente da psicologia (com uma nova concepção sobre categorização, por exemplo) e das neurociências (com considerações sobre o papel do corpo na racionalidade humana). E o fato de que Fillmore, Lakoff, Eleanor Rosch (psicóloga que formulou a teoria dos protótipos) estavam na Universidade da Califórnia, em Berkeley, a partir dos anos 70 - e Ronald Langacker perto deles, na Universidade da Califórnia, em San Diego e também Eve Sweetser na UC Berkeley, a partir dos anos 80 – certamente impulsionou a feliz confluência de ideias que resultou nesse novo paradigma na linguística.

REVEL – E no Brasil, quando as pesquisas em semântica cognitiva se iniciaram?

MAITY – Não sem medo de cometer alguma injustiça, eu diria que a Margarida Salomão (UFJF) e a Mara Zanotto (PUCSP) foram as pioneiras na pesquisa em Linguística Cognitiva no Brasil, no fim da década de 80, início da década de 90; Zanotto com estudos sobre a metáfora e Salomão com estudos em semântica de frames. Depois delas, muitos outros pesquisadores iniciaram suas pesquisas em semântica na perspectiva da Linguística Cognitiva e muitos grupos foram se formando no Brasil. Dentre os pesquisadores coordenadores de grupos de pesquisa na área, destaco o trabalho da Edwiges Moratto (UNICAMP) com frames e linguagem figurada, na interface com a neurolinguística; da Neusa Salim (UFJF), com frames, espaços mentais, metáforas e redes de construção; da Solange Vereza (UFF), com metáfora e discurso; do Tony Sardinha (PUCSP), com metáfora e linguística de corpus; da Ana Pelosi (UFC e UNISC), com metáfora, cognição e cultura; da Paula

Lenz (UFC), com metáfora; da Luciane Ferreira (UFMG), com metáfora; do Heronides Moura (UFSC), com semântica da indeterminação e metáfora; com Sandra Cavalcante (PUCMinas); na interface com a Semiótica Cognitiva; da Heloisa Feltes, na interface com as neurociências e antropologia e da Rove Chishman, com semântica de frames. Obviamente, uma lista desse tipo é só uma indicação para quem está começando na área e não tem a pretensão de elencar todos os (muitos) pesquisadores brasileiros atuantes em Semântica Cognitiva, apenas os mais sêniores. Tampouco encerra os diversos temas sobre os quais os pesquisadores mencionados se debruçam, é só um panorama bem geral mesmo da minha turma no mundo acadêmico, perspectivada, como não poderia deixar de ser.

Apesar de ser um paradigma teórico bastante recente (o que são algumas poucas décadas na história da ciência?), há no Brasil uma comunidade de pesquisadores em semântica cognitiva que é bastante ativa, em termo de publicações e participação em eventos. De fato foram dois eventos, iniciados nos anos 2000, que institucionalizaram o movimento dos pesquisadores em Linguística Cognitiva no Brasil: o Congresso da Metáfora na Linguagem e no Pensamento (CMLP) e a Conferência Linguística e Cognição. O CMLP é um evento temático internacional trienal, que teve sua primeira edição em 2002 e está indo para sua sétima edição; a Conferência Linguística e Cognição é um evento bianual, que iniciou em 2003 e já teve nove edições. O GT Linguística e Cognição também foi oficializado no início dos anos 2000, mais precisamente em 2004.

ReVEL – Entre suas linhas de pesquisa, estão a relação entre psicolinguística e linguística cognitiva. Você poderia nos falar mais sobre essas duas áreas de investigação?

MAITY – Antes de mais nada, cabe esclarecer que tanto a psicolinguística como a linguística cognitiva são áreas de investigação que fazem uma interface entre a linguística e a psicologia. No entanto, diferentemente da psicolinguística, a linguística cognitiva se configura também como uma perspectiva teórica, como um conjunto de teorias que aderem aos mesmos princípios e compromissos.

Em termos beeeeeem gerais, podemos dizer que a psicolinguística estuda os processos cognitivos que nos possibilitam produzir e compreender uma língua. Ou em termos um tantinho mais específicos, podemos dizer que a psicolinguística investiga a aquisição, o armazenamento, a produção (quando falamos, sinalizamos, lemos ou escrevemos) e a compreensão da linguagem (na modalidade auditiva ou na visual). E a Linguística Cognitiva (com letra maiúscula para diferenciar de outras linguísticas que também são cognitivas, como a gerativista) é uma perspectiva experiencialista que investiga não só a linguagem em si, mas também como a linguagem contribui para a conceitualização do mundo em que vivemos. Essa abordagem ao estudo da linguagem é experiencialista porque adota a tese de que nossa cognição é corporificada: pensamos do jeito que pensamos porque temos o corpo que temos, e falamos do jeito que falamos porque pensamos de uma determinada forma, que parte de um corpo com configurações específicas (vertical, com rosto e pés virados para o mesmo lado etc). Portanto, não é por acaso que conceitualizamos o futuro e o progresso como sendo para a frente e dizemos coisas como “minha vida foi pra frente depois que me separei”. Mapeamos a orientação espacial que parte da nossa visão e da nossa caminhada para a ideia de progresso e atualizamos linguisticamente (e também gestualmente) esse mapeamento conceitual. E é por nos ajudarem a conceitualizar a realidade que metáforas e metonímias são fenômenos centrais de investigação na Linguística Cognitiva.

Então, eu sou uma psicolinguista que adoto a base teórica da Linguística Cognitiva nas minhas pesquisas em linguagem figurada. Para saber mais sobre o que eu e o grupo que coordeno, METAFOLIA, pesquisamos, é só visitar os seguintes sites:

<https://professor.ufrgs.br/maity/>,

<https://www.instagram.com/metafolia/>

<https://www.facebook.com/metafolia> .

ReVEL – Você tem investigado metáforas e linguagem figurada. Podemos afirmar que as metáforas constituem parte essencial da linguagem humana?

MAITY – Da perspectiva da linguística cognitiva, a linguagem figurada é parte essencial não só da linguagem, mas também do pensamento e das ações humanas. Já parou para pensar porque fotos de rosto – e só do rosto! - são utilizadas em documentos no mundo inteiro? É evidente que isso acontece porque a imagem de qualquer rosto, com suas feições peculiares, representa a pessoa como um todo. Podemos estar com todo o resto do corpo coberto, uma área bem maior do que a do rosto, e mesmo assim sermos imediatamente identificados a partir da visão do rosto. É por isso que basta uma fotografia do rosto em um documento. E a linguagem, o que tem a ver com isso? A linguagem tem tudo a ver com isso, na medida em que o mesmo mecanismo metonímico de representação de parte pelo todo que nos permite tomar o rosto pela pessoa, nos leva a falar coisas do tipo: *não quero mais ver a tua cara, teu irmão é um cara festeiro* ou *não vou dar a minha cara a tapa*. Ou seja, o uso da palavra ‘cara’ para falar de pessoas em frases e o uso de fotos de rosto em documentos atualizam, na linguagem e na ação uma conceitualização metonímica da realidade, do tipo PARTE PELO TODO.

Outra evidência da presença da figuratividade no pensamento, na ação e na linguagem vem do mapeamento (potencialmente) universal, entre a orientação espacial ascendente e uma avaliação geral positiva (ou valência positiva, como se diz na psicologia). Na prática, o vencedor de uma corrida sobe ao lugar mais alto do pódio; a amiga levanta o polegar para comunicar que está tudo bem; os imóveis em andares mais altos de um prédio são comercializados por um preço maior em relação aos de baixo; tias parabenizam as crianças porque cresceram bastante no último ano e por aí vai. Muitos estudos, fora do âmbito da linguística, indicam que valorizamos a altura, inclusive quando se trata da estatura das pessoas (e.g. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19596614/>). E não faltam exemplos de atualizações linguísticas do mapeamento metafórico BOM É PRA CIMA (e seu correspondente RUIM É PRA BAIXO, de valência negativa): *Anitta chega ao topo do Spotify mundial com “Envolver”*; *a Tesla tem tudo para se reerguer depois que a pandemia passar*; *L’impression me fit tomber par terre*; *“Throughout this memorable day I have been uplifted and sustained by the knowledge that your thoughts and prayers were with me”* (dito pela Rainha Elisabeth no dia da sua coroação).

Então, sim, podemos afirmar que as metáforas e outros fenômenos conhecidos como 'linguagem figurada' são aspectos essenciais da linguagem, do pensamento e da ação.

REVEL – Você poderia indicar para nossos leitores alguns livros e artigos (clássicos e recentes) que enriqueceriam sua formação em semântica cognitiva?

MAITY – Em mais de 40 anos de pesquisas na área, já existem literalmente milhares de artigos, teses e livros publicados na área, principalmente em inglês, mas também em português. Para iniciar, eu indicaria o clássico dos clássicos, o livro *Metaphors we live by* (Lakoff e Johnson, 1980). Esse é daqueles que facilmente vira livro de cabeceira, de tanto que flui a leitura (obs: foi lendo esse livro que eu soube o que queria pesquisar na vida). Há uma versão excelente em português dessa obra, *Metáforas da vida cotidiana*, de 2002. O pdf das duas versões pode ser encontrado facilmente na web, fica a dica. Outro livro que recomendo para quem quer iniciar os estudos em metáfora é *Metaphor: A practical introduction*, do Zoltán Kövecses (2002).

Para quem quiser ler artigos dos pesquisadores mais importantes da área, inclusive para aqueles que não leem muito bem em outras línguas, indico três edições temáticas dos Cadernos de Tradução da UFRGS que organizei com o meu grupo de pesquisa (o n. 25/ 2009, o n. 31/2012 e o n. 36/ 2021). Nessas três coletâneas é possível encontrar os assuntos mais centrais da agenda da linguística cognitiva (tais como linguagem figurada, esquemas de imagem, semântica de frames, polissemia, categorização e construções).

Uma leitura bem introdutória e em português que recomendo é a do livro *Introdução à Linguística Cognitiva*, da Lilian Ferrari (2011). Por fim, para um panorama bem amplo, um ótimo compêndio sobre linguística cognitiva é o livro *Cognitive Linguistics: An Introduction*, de Evans e Green (2006). E não se deixem enganar pelo 'introduction' no título, o livro tem mais de 800 páginas e traz uma apresentação bem completa dos principais temas em semântica e gramática cognitiva.

Referências

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics. An Introduction*. Edinburgh University Press, 2006.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981* (p. 111). Seoul: Hanshin Pub. Co., 1982.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Foundation of Cognitive Grammar* (Vol. 1). Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

TALMY, L. Force Dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science*, 12 (1):49-100, 1988.